Um breve olhar antropológico sobre Estácio de Sá no contexto histórico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

César Lotufo* e Alfredo Claussen Neto**

A brief anthropological look about Estácio de Sá in the historical context of São Sebastião do Rio de Janeiro.

Uma breve mirada antropológica acerca de Estácio de Sá en el entorno histórico de la ciudad del São Sebastião do Rio de Janeiro.

"Levantamos esta cidade que ficará por memória de nosso heroísmo e de exemplo de valor às gerações vindouras, para ser a maior das províncias e o empório das riquezas do mundo."
(Fala atribuída a Estácio de Sá quando da fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – citada por Carlos Maul, Pequenas Histórias do Rio Antigo, 1964).

Prólogo

No amanhecer de 28 de fevereiro de 1565, aportava com sua esquadra Estácio de Sá, no trecho litorâneo da enseada localizada entre as praias Vermelha e da Urca, junto às encostas dos morros Cara de Cão e Pão de Açúcar.

Começava a ser escrita mais uma importante página da História do Brasil, pois ao receber a missão de expulsar definitivamente os franceses das terras pertencentes à Coroa Portuguesa, Estácio de Sá

acabou fundando uma cidade que foi, durante muito tempo, a capital político-administrativa do Brasil; o centro geopolítico do poder.

Uma introdução

Não podemos dissociar a biografia de Estácio de Sá do contexto histórico-antropológico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nem das presenças marcantes de seu tio, Mem de Sá, e de seu amigo e companheiro o indígena de nome Araribóia.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa biográfica¹ percebemos que o nome de Estácio de Sá – famoso explorador português –, pouco é citado pela historiografia lusa, mesmo em se tratando da colonização do Brasil, como também ressalta Lebigre (2001). É mais conhecido como o sobrinho de Mem de Sá, administrador da colônia portuguesa, terceiro governador-geral do Brasil, durante o período de 1557 a 1572.

Para nós, brasileiros, entretanto, foi mais do que um suposto herói que despertou, naquele caminhar *trópego* da história nacional, o sentimento do nacionalismo. Foi um europeu que respeitou a diferença étnica entre a sua cultura e de seus aliados, os Temiminó, na luta contra os franceses; foi enfim, o fundador da Cidade de São Sebastião, invocando o Rei-infante de Portugal – morreria mais tarde, em 1578 na Batalha de Alcácer-Quibir, travada contra os mouros na África.

Os franceses na Baía de Guanabara

Os franceses não aceitaram a divisão territorial que os portugueses e espanhóis celebraram em 1494 – Tratado de Tordesilhas reservando para si o “novo mundo” recém-demarcado e mapeado por Cristóvão Colombo, Pero Vaz de Caminha e Américo Vespúcio. Questionavam os franceses sobre o testamento de Deus que deixava como herança, para as coroas lusa e espanhola as terras recém “descobertas”.

Assim, os homens de negócio da França reunidos em outubro de 1550, na cidade de *Ruão*, começam a pressionar o Rei Henrique II no sentido da expansão da “indústria” naval e do comércio.

Em 1551 foram enviados à costa brasileira o cartógrafo Guilherme Letestu e o cosmógrafo e pregador protestante André

* César Lotufo, arqueólogo. Especialista em Didática do Ensino Superior, Mestre em Geociências e doutorado (incompleto) em Antropologia da Informação. Leciona na Universidade Estácio de Sá desde 1986 trabalhando atualmente nos cursos de Arqueologia: Administração, Direito, Letras e Psicologia. Possui livros publicados no Brasil e artigos científicos em Portugal e no Brasil.

** Alfredo Claussen Neto, arqueólogo. Especialista em Perícia Ambiental e mestrado (incompleto) em Ecologia Humana. Leciona na Universidade Estácio de Sá desde 1998 trabalhando atualmente nos cursos de Arqueologia, Educação Física, Fisioterapia, Psicologia, Gestão em R.H. (Politécnico). Possui livro publicado no Brasil e artigos científicos, também no Brasil.

¹ Este trabalho é composto por fragmentos de pesquisas dos autores para um livro sobre a vida de Estácio de Sá e para um roteiro de documentário sobre a mesma personagem, dirigido pelo professor de cinema da Universidade Estácio de Sá, Francesco Trotta.

Figura 1 - Estácio de Sá chega à Baía de Guanabara

de Thevet, que destacaram a posição estratégica – comercial e militar – da Baía de Guanabara, sobretudo para a exploração de matéria-prima vegetal utilizada para tingir tecidos, a árvore ibirapitanga, que os indígenas litorâneos já reconheciam por sua propriedade tintorial. Esta árvore, o nosso pau-brasil, segundo o relato destes viajantes proliferava na faixa costeira que se estendia do Rio de Janeiro até Cabo Frio.

No dia 14 de agosto do 1555, Nicolau *Durand* de Villegaignon, líder protestante cavaleiro da Ordem de Malta, e de bom relacionamento com Rei e membros da nobreza e amigo do Almirante Coligny, partia da França em direção à costa do Rio de Janeiro, comandando uma frota de três navios de cerca do 200 toneladas com aproximadamente 600 homens – muitos deles criminosos condenados de prisões parisienses –, tudo financiado por comerciantes e pela empresa protestante francesa que reunia o rei, os nobres e os religiosos mais abastados².

No dia 10 de novembro 1555 chegaram, segundo o piloto Nicolas Barré, ao “Rio Guanabara, rio que mais parece um lago”. Aportaram na Ilha de Sirigipe rebatizada inicialmente com Isle Henr II (conforme gravura anônima, baseada em desenho de André de Thevet, de 1556 e apresentada por Gilberto Ferrez, 1972), depois Ilha de Villegaignon. Neste local ergueram o Forte Coligny e criaram a França Antártica, um centro estratégico para exploração do pau-brasil e lugar de livre culto, da religião protestante.

Figura 2 - Mapa de André Thevet para localizar a França Antártica, mas que acaba descrevendo a Baía de Guanabara - 1565

² Para saber mais sobre esta viagem e o modo de vida dos aventureiros franceses de Henriville (França Antártica), consultar as crônicas de Jean de Lery, André de Thevet e do piloto-de-esquadra Nicolas Barré.

A luta contra os franceses

Mem de Sá, ao tomar posse como terceiro governador-geral do Brasil, em 1557, na cidade de Salvador, capital colonial, não pode, de imediato, cumprir sua missão prioritária – expulsar os franceses das terras pertencentes à Coroa Portuguesa –, já que precisou harmonizar as relações entre colonos e jesuítas em boa parte do litoral brasileiro, além do “amansar” os indígenas da faixa litorânea situada entre Bahia e Espírito Santo.

As expedições organizadas por Mem de Sá contaram com a ajuda dos padres catequistas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, e atingiram territórios dominados por etnias indígenas diferentes – e inimigos –, do Tamoio, aliados dos franceses e numerosos no litoral do Rio de Janeiro, principalmente nas áreas periféricas da Baía de Guanabara.

Lotufo (1995), com base em documentação apresentada³ por Capistrano do Abreu (1989) relata o processo de recrutamento de indígenas aliados dos portugueses na guerra contra os inimigos franceses. Vale lembrar que estes indígenas também ajudaram na construção dos aldeamentos jesuítas de “Y-Tinga” ou São Francisco Xavier de Itaguaí e N. Sra. da *Guia* de Mangaratiba, no litoral centro-sul do estado do Rio de Janeiro, ainda no século XVI.

A historiografia oficial do Rio de Janeiro destaca um importante chefe indígena, aliado a Estácio de Sá, na luta contra os franceses: Araribóia, ou Martim Afonso de Souza, como seu padrinho de batismo cristão, o mais famoso donatário da história das capitanias hereditárias do Brasil.

Em 21 de fevereiro de 1560 Mem de Sá chega ao Rio de Janeiro e trava uma batalha com os franceses da fortaleza de Coligny. Contando com o apoio dos indígenas aliados, inimigos dos Tamoio, que apoiavam os franceses, Mem de Sá expulsou-os da Ilha de Villegaignon em 15 do março deste mesmo ano e retornou para Salvador, enquanto que os franceses e os Tamoio fugiram para Cabo Frio, de onde fariam mais tarde novas incursões, atacando as terras periféricas a Baía de Guanabara.

No ano de 1563 a metrópole lusa envia reforços para Mem de Sá expulsar definitivamente os franceses do Brasil. Estácio de Sá, sobrinho do governador-geral, nascido em Coimbra, ao que tudo indica, no ano de 1520, foi nomeado comandante da expedição para combater os inimigos e chegou a capitania de São Vicente em 1564, onde indicou o recrutamento de mais aliados indígenas para lutarem contra os Tamoio e os franceses.

Estácio de Sá e a Cidade do Rio de Janeiro

Contando com o apoio de indígenas da etnia Temiminó, chefiados por Araribóia, Estácio de Sá ergueu uma linha de defesa na Baía de Guanabara com a Fortaleza do Registro, depois Nossa Senhora da Guia, e, finalmente, depois de reformada (1696), Fortaleza de Santa Cruz, na Ponta de Jurujuba, em Niterói. Esta fortificação cruzava fogo com a Fortaleza de São João, no Morro da Urca, onde, em 1º de março de 1565 Estácio de Sá fundou a cidade do São Sebastião, a chamada Vila Velha, que depois de transferida por Mem de Sá, em 1567 para o Morro do Descanso, mais tarde chamado Alto da Sé, depois Alto de São Sebastião, a seguir Morro de São Januário e finalmente Morro do Castelo – seria demolido no início do século XX –, por motivos estratégicos (melhor defesa), aí sim seria denominada São Sebastião do Rio de Janeiro, em alusão à entrada de André Gonçalves, efetuada em 1º de ja-

Figura 3 - Busto de Estácio de Sá (1520-20/02/1567)
Explorador português combate as invasões francesas na cidade do Rio de Janeiro

neiro de 1502, quando foi confundida a Baía de Guanabara com um rio, o Rio de Janeiro.

Estácio de Sá e Araribóia derrotam os franceses

A origem de Araribóia, enquanto filiação étnica e geográfica é um pouco “nebulosa”⁴.

Discussões à parte, devemos ressaltar a importância da aliança entre os portugueses liderados por Estácio de Sá e os Temiminó, chefiados por Araribóia, pois graças a ela, os colonizadores depois de doze longos anos, conseguiram, finalmente, expulsar os franceses – que continuariam atuando no Maranhão e retornariam ao Rio de Janeiro em 1710/1711, mas isto é outra história...

No dia 28 de fevereiro de 1565, Estácio de Sá aportou com sua esquadra entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, com o objetivo de expulsar, em caráter definitivo os franceses da Baía de Guanabara, e se possível, do Brasil. Depois de fundar a cidade e montar a linha dos canhões acionados por bastões – atear fogo nas espoletas –, conhecidos como “bota-fogo”, Estácio de Sá atacou os franceses e repeliu as tentativas de invasão da cidade promovidas pelos Tamoio, sempre contando com o apoio de seus aliados, os Temiminó.

Em 18 de janeiro de 1567, depois de receber o reforço da esquadra de seu tio, Estácio de Sá iniciou o ataque derradeiro às paliçadas de Uruçu-mirim e Paranapucu, defendidas pelos franceses e por seus aliados, os Tamoio.

Com os canhões instalados na Enseada de Francisco Velho – companheiro de Estácio de Sá e proprietário de lavouras locais –, os portugueses e os Temiminó avançaram por terra

³ Artigos publicados no “Jornal do Commercio”, no início do século XX e cópias de documentos das Cúrias Eclesiásticas de Salvador e Rio de Janeiro feitas também no início do século XX.

⁴ Lotufo e Claussen Neto (inédito) discutem esta origem, reconstruindo o percurso do chefe indígena, da Ilha do Governador (Rio de Janeiro) para o Espírito Santo e daí de volta para o Rio de Janeiro, em São Cristóvão e depois Niterói.

formando uma barreira para combater os franceses e os Tamoio que se deslocavam para a orla da cidade em canoas, partindo da Ilha Sirigipe.

Em 48 horas tudo estaria terminado, com a derrota dos franceses e dos Tamoio, do dia 20 de janeiro de 1567.

No folclore que envolve a fundação do Rio de Janeiro, convém destacar o relato do jesuíta José Roiz sobre a fé católica que Araribóia depositava em São Sebastião, seu protetor e de seu povo, pois justamente no dia consagrado ao santo, Araribóia – batizado com o nome católico de Martim Afonso de Souza, assim como seu padrinho – derrotou o inimigo (Capistrano de Abreu, 1989).

Já Estácio de Sá, contudo, não teve a mesma proteção santificada, pois, ferido no rosto por uma flecha envenenada, faleceria um mês depois aos pés do Pão de Açúcar...

Quanto a Araribóia – citado pela primeira vez no capítulo XIV do terceiro volume da História do Brasil, de Frei Vicente de Salvador, de acordo com Capistrano de Abreu (1989) –, sabemos que ganhou terras desmembradas de uma antiga sesmária localizada na atual Niterói, em troca dos serviços prestados ao rei de Portugal. Antigo amigo de Martim Afonso de Souza – desde 1530 –, foi batizado por este e adotou seu nome cristão, o que explica sua aproximação da Coroa Lusa e a conseqüente simpatia desta para com o indígena e seu povo.

Desta forma o cacique Temiminó fundou o primeiro núcleo de povoamento local no alto de um morro e ergueu uma igreja, dedicada a São Lourenço.

Em 22 de novembro de 1573 tinha início então o povoamento de Niterói, a partir da igreja de São Lourenço dos índios.

Durante os séculos seguintes, conforme Niterói foi crescendo e sendo urbanizada, os descendentes de Araribóia foram sofrendo subtrações territoriais por parte dos políticos locais.

Nas aulas – de – campo que o professor César Lotufo realiza no local com seus alunos da Universidade Estácio de Sá, podemos observar parte desta história viva de Niterói, do Rio de Janeiro e do Brasil, visitando os testemunhos arqueológicos locais e conversando com as pessoas morenas de cabelo preto e liso que ali residem, em companhia de representantes da cultura tradicional de pescadores lá instalados há muito tempo.

Epílogo

Conversávamos, outro dia com o professor Carlos Roma – um dos pilares acadêmicos da Universidade Estácio de Sá, cuja história é confundida, muitas vezes com a da própria instituição –, sobre o fato do fundador da universidade onde lecionamos ter escolhido o nome de Estácio de Sá para patrono da mesma.

Corria o ano de 1969 quando o Dr. João Uchôa Cavalcanti Netto criou, em um casarão, localizado na esquina da Rua Hadock Lobo com Avenida Paulo de Frontin, as Faculdades Integradas Estácio de Sá, hoje a segunda maior universidade privada do Brasil.

Naquela área está localizada a Igreja de São Sebastião, criada no século XIX e que abriga os restos mortais de Estácio de Sá. Vale lembrar ainda que a região é vizinha ao bairro do Estácio.

Talvez valesse a pena perguntarmos ao fundador, no 35º aniversário de nossa universidade, o porquê do nome da instituição.

Referências Bibliográficas

- CAPISTRANO DE ABREU, J. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: EDUSP, 1989.
- FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro e a defesa do seu porto: 1555-1800*. Rio de Janeiro: Serv. Doc. Geral da Marinha, 1972.
- FRANÇA, Jean M.C. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos, 1531-1800*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- GAFFAREL, Paul. *Historie du Brésil au XVI^{ème} siècle*. Paris: Maisonneuve, 1878.
- LEBIGRE, Maria S. *O papel do estrangeiro na formação e transformação da área central e peri-central do Rio de Janeiro*. Scripta Nova. Universidad de Barcelona nº 94(61), 1/8/2001.
- LERY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: EDUSP, 1980.
- LOTUFO, César. *A ocupação do litoral centro sul fluminense: inserção geomorfológica de assentamento e aspectos ecológicos*. In: – BELTRÃO, Maria. *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1995, p.57-68.
- THEVET, André de. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: EDUSP, 1978.